

ESTUDO DO LIVRO DE NAUM

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

Em torno do acontecimento esperado, a queda de Nínive, a cidade sentenciada ao juízo no livro, move-se a mensagem de Naum, a qual é um poema vibrante e cheio de paixão. Na parte que se apresenta até Naum 1:8, a letra inicial de cada versículo segue a ordem do alfabeto hebraico (estilo acróstico). O texto é um cântico de exaltação à glória do Senhor, o Deus zeloso e vingador cujo poder supera qualquer poder humano e também as mais violentas manifestações da natureza (Naum 1:3-6). O Senhor, o Deus de Israel, protegerá os fiéis e os livrará dos seus inimigos, os assírios (Naum 1:8-10), e fará mudar a sorte do reino de Judá. Os versículos seguintes (Naum 1:11-15) são uma passagem de transição em que se alternam as promessas de paz e restauração dirigidas ao povo eleito com a ameaça dos terríveis males que haverão de sobrevir a Nínive.

Entre Naum 2:1 e Naum 3:19, o profeta descreveu com impressionante sonoridade o ataque à cidade maligna, cuja derrota provocará a ruína completa do Império Assírio. O ritmo poético da linguagem de Naum, a dramaticidade das suas metáforas e a sonoridade das suas palavras evocam o rodar dos carros de batalha. E parece até que se pode escutar, como que brotando do fundo desse quadro de desastre e morte, o clamor vitorioso do povo de Deus.

Para entender o conteúdo do Livro de Naum, é melhor que seja conhecido algo sobre Nínive. Essa cidade era a capital da Assíria, a superpotência da época. Os dois nomes, Nínive e Assíria, são intercambiáveis e usados para designar a mesma potência.

A cidade era assustadora. Além do poderio militar que a fez assombrar o mundo por pelo menos meio milênio, Nínive era de uma incrível crueldade, além de seu grosseiro paganismo. Um de seus métodos para tratar os vencidos era o empalamento: atravessar a pessoa com uma estaca afiada, que ia do ânus em direção ao tronco. O esfolamento, uma prática com requintes de desumanidade em que a pele da pessoa era tirada, era outro método de tratar os vencidos. Geralmente, conquistada uma cidade, alguns de seus habitantes eram levados como escravos para trabalhar em construções, mas outros, impossibilitados para o trabalho forçado, como doentes e idosos, eram levados apenas para servir de exemplo. Pessoas foram empaladas ou esfoladas às portas de cidades sitiadas, como sinal daquilo que aconteceria aos moradores da cidade cercada se ela não se rendesse. Por tudo isso, Nínive era temida pelas pequenas nações que pagavam tributos a ela para poderem viver em paz. E assim entendemos a razão da linguagem tão dura empregada pelo profeta, por ordem divina, à cidade. Deus pune a crueldade. E, em matéria de crueldade, Nínive era imbatível.

As origens ninivitas remontam a Gênesis 10:8-11: “Cuxe gerou Ninrode, que começou a ser poderoso na terra. Foi valente caçador diante do SENHOR. Daí dizer-se: ‘Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR.’ O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar. Daquela terra saiu ele para a Assíria e edificou Nínive, Reobote-Ir e Calá.” O fundador de Nínive foi Ninrode, que, repitamos o texto, surge assim na Bíblia: “Foi valente caçador diante do SENHOR. Daí dizer-se: ‘Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR’” (Gênesis 10:9). Ninrode, o poderoso caçador, fundou a cidade. O hebraico para “caçador” é *tsayd*, termo que tem sido interpretado por hebraístas como Cassuto e Calvino como “caçador de homens”. Ele provavelmente foi um escravista, talvez o primeiro homem a fazer escravos e a dominar os outros. Foi assim que se tornou poderoso, caçando as pessoas, tornando-as escravas, oprimindo-as. As origens de Nínive provavelmente estão baseadas na escravidão e na brutalidade.

1.1. AUTORIA

O *sêfer*/rolo/livro do profeta Naum apresenta a visão que o Senhor concedeu a esse seu servo, cujo nome hebraico significa “Conforto” ou “Consolo” (Naum 1:1), expressão que se relaciona com o nome de Neemias, que tem o sentido de “o SENHOR Consola” ou “o conforto que vem do SENHOR”. Assim, a queda de Nínive – por causa de seu pecado – se tornaria em um consolo para o povo de Judá.

Além do que nos informa a tradição judaica há séculos, e o que as próprias Escrituras nos revelam, nada se sabe sobre esse homem de Deus além do fato de ele ser natural da aldeia de Elcos. Até mesmo a localização exata desse lugar se perdeu no tempo. Alguns pensam que Elcos pertencia a Judá e estava situada na região de Sefelá,

próxima de Moresete-Gate. Outros, contudo, supõem que se situava na Galileia e, mais concretamente, no lugar onde depois se edificou a cidade de Cafarnaum.

1.2. DESTINATÁRIOS

Naum profetizou a queda de Nínive, capital do império assírio no auge de seu poder, e sua mensagem foi dirigida para a nação de Judá. A brutalidade dos assírios era lendária e o tratamento que dispensou a Israel e Judá foi cruel. Desde o seu aparecimento no cenário geral da história, os assírios haviam se mostrado um povo belicoso e cruéis dominadores das nações conquistadas, às quais impuseram toda espécie de violências e deportações (conforme 2 Reis 17:3-6). Por isso, os povos do Oriente Médio, entre eles o reino de Judá, os quais sofreram o jugo da opressão assíria durante um século bastante longo (conforme 2 Reis 18:13-37), celebraram com muita alegria a queda de Nínive. A mensagem de destruição contra Nínive (cerca de cem anos após o breve arrependimento dos ninivitas durante o ministério de Jonas) era um conforto ao povo de Judá, o qual tinha observado o reino do norte (Israel) ser derrotado e levado para o exílio pelos assírios, além de ter sofrido com a crueldade daquela nação. Naum lembrou seus leitores que Deus é justo e que as nações más do mundo não escaparão do juízo divino.

1.3. PROPÓSITOS

O tema principal da obra é avisar sobre o juízo que Deus trará sobre a grande cidade de Nínive por causa do pecado em forma de opressão aos mais fracos, extrema crueldade, idolatria e malignidade geral desse povo pagão. De acordo com o apóstolo Paulo, no Novo Testamento, em Romanos 11:22, Deus é amor, paciência, misericórdia e, também, justiça e severidade inexorável. Segundo o profeta Naum, o Senhor não é somente bondoso e muito paciente, refúgio a proteger aqueles que nele confiam (Naum 1:7), mas igualmente é aquele que “jamais inocenta o culpado” (Naum 1:3). Contudo, a justiça e o reino de Deus finalmente triunfarão. Os reinos edificados na base da maldade e tirania, mais cedo ou mais tarde, ruirão e serão absolutamente destruídos, como foi o caso do poderoso império da Assíria.

Baseados na severa condenação a Nínive, alguns intérpretes acreditam que Naum era uma espécie de profeta “superpatriota”, à semelhança de Hananias, um falso profeta condenado por Jeremias (Jeremias 28). No entanto, essa informação é inútil, porque até mesmo Jeremias proferiu muitas palavras de julgamento contra outras nações (Jeremias 46 a 51). Naum não se mostrou alegre com a queda iminente de Nínive – ele apenas situou esse acontecimento no contexto bíblico da justiça de Deus.

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Naum 3:8-10 falou sobre a queda de Tebas, a qual aconteceu em 663 a.C., como um evento já ocorrido. Nos três capítulos, Naum profetizou a queda de Nínive, profecia cumprida em 612 a.C. Naum, portanto, decretou essa sentença entre 663 e 612 a.C., muito provavelmente no final desse período histórico, considerando que apresentou a queda da poderosa Nínive como iminente (Naum 2:1; 3:14,19). Nesse caso, o profeta estaria situado no reinado de Josias, correspondendo à época de Sofonias e de Jeremias quando ainda muito jovem.

1.5. CURIOSIDADES

- Era prática comum no mundo antigo que as divindades fossem identificadas como fenômenos naturais observáveis e impressionantes (Naum 1:3-6);
- O muro de Nínive, o qual tinha quase 13 quilômetros de comprimento e 15 portas, estava rodeado por um fosso de quase 46 metros de largura. O fosso devia ser preenchido antes que os invasores alcançassem o muro da cidade. A “defesa” ou “testudo inimigo armado” ou “linha de proteção” (Naum 2:5) pode ter sido um grande escudo coberto de couro usado para desviar pedras e flechas;
- O leão é uma imagem apropriada para a Assíria, uma vez que ela era conhecida por sua brutalidade. A própria Nínive continha numerosas esculturas de leões (Naum 2:11);

- O rei assírio Salmaneser III gabava-se de ter erguido uma pirâmide de cabeças cortadas diante de uma cidade inimiga. Outros reis assírios empilhavam cadáveres como lenha nas portas das cidades derrotadas (Naum 3:3);
- As atrocidades contra civis eram comuns nas guerras do mundo antigo: crianças eram mortas, líderes eram presos em grilhões e sortes eram lançadas para determinar os prisioneiros de guerra que seriam levados ao exílio e os prisioneiros que seriam estabelecidos em outras terras (Naum 3:10);
- A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade dizimada jamais foi reconstruída. Alguns séculos depois estava coberta com a areia carregada pelo vento, não deixando nenhum rastro, exceto um monte que é conhecido hoje como Tell Kuyunjik, “o monte de muitas ovelhas” (Naum 3:19).

1.6. TEMAS

O Livro de Naum inclui os seguintes temas:

- **Julgamento:** de acordo com o profeta, o próprio Deus estava contra Nínive (Naum 1:2-3,8,14-15). Os ninivitas deixaram de viver à luz de seu arrependimento anterior com Jonas – um arrependimento, sem dúvida, transitório. Naum utilizou amplamente o tema do guerreiro divino, retratando Deus como uma figura militar que guerreia contra aqueles que resistem a ele. O profeta ensinou que Deus castiga a violência (Naum 2:12; 3:1,4), a idolatria (Naum 1:14), as práticas comerciais desumanas (Naum 3:16), o materialismo (Naum 2:9; 3:4) e a crueldade (Naum 3:19);
- **Libertação:** a profecia de Naum anunciou o juízo com a intenção de trazer esperança ao povo de Judá, o qual tinha sofrido maus tratos dos assírios por muitos anos. Deus se importa com seu povo e castigará aqueles que o maltratam. Ele o protegerá (Naum 1:7), o libertará da opressão (Naum 1:13,15) e o reestabelecerá (Naum 2:2).

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- O Senhor como juiz de Nínive (Naum 1);
 - A ira do Senhor contra Nínive (Naum 1:2-8);
 - O julgamento de Deus sobre Nínive e a vitória de Judá (Naum 1:9-15);
- A queda de Nínive (Naum 2);
 - O cerco (Naum 2:1-10);
 - A desolação (Naum 2:11-13);
- A aflição de Nínive (Naum 3);
 - Os pecados de Nínive (Naum 3:1-4);
 - A destruição iminente de Nínive (Naum 3:5-19).

2. ESTUDO DO LIVRO DE NAUM

As citações são da versão Nova Almeida Atualizada.

O SENHOR COMO JUIZ DE NÍNIVE

Naum 1:1: “[1:1] Sentença contra Nínive. Livro da visão de Naum, da cidade de Elcos.”

1:1 – O Livro de Naum, como o Livro de Jonas escrito cerca de 150 anos antes, trata das intenções de Deus para Nínive, a cidade principal do Império Assírio, célebre pelas suas riquezas, pelo seu poderio militar e, principalmente, pela sua malícia, conforme Jonas 1:2; Isaías 10:5-34; 14:24-37; Sofonias 2:13-15. Há, porém, uma diferença enorme entre esses dois livros: Jonas levou uma mensagem que causou o arrependimento do povo de Nínive e, conseqüentemente, resultou na misericórdia de Deus em poupar a cidade. Naum, porém, transmitiu a sentença divina contra a cidade depravada que não manteve por muito tempo o arrependimento que veio pela pregação de Jonas – uma profecia cumprida alguns anos depois.

Citações históricas em Naum datam o livro no último meio século antes da queda de Nínive, a qual aconteceu no ano 612 a.C. O império assírio estava em declínio, ameaçado principalmente pelos babilônios e seu poder crescente. Em uma série de batalhas decisivas, a Babilônia venceu a Assíria e tomou controle de seu território.

O termo “visão” se refere, de um modo geral, a qualquer das formas que Deus usa para comunicar a sua mensagem aos profetas, como em Isaías 1:1 e Obadias 1.

Naum afirmou ser da cidade de “Elcos”, um povoado que ainda não se pôde localizar com exatidão, possivelmente situado no território de Judá. Jerônimo, teólogo do século 3 e 4 d.C., declarou que uma cidade na Galileia chamada de Elcos tinha sido mostrada a ele. O nestorianismo (uma doutrina cristológica proposta por Nestório) acreditava que localizou a cidade e o sepulcro do profeta perto do rio Tigre, ao norte de Mossul, no Iraque. Outra tradição situa Elcos “além do Jordão”, porém algumas edições desse texto e outras considerações levaram alguns estudiosos a acreditar que a cidade se situava mesmo no sul de Judá.

O SENHOR COMO JUIZ DE NÍNIVE – A IRA DO SENHOR CONTRA NÍNIVE

Naum 1:2-8: “{1:2} O SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos. {1:3} O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado. O SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são a poeira dos seus pés. {1:4} Repreende o mar, e ele seca; faz com que todos os rios fiquem secos. Basã e o Carmelo desfalecem, e as flores do Líbano murcham. {1:5} Os montes tremem diante dele, e as colinas se derretem. A terra se levanta diante dele, sim, o mundo e todos os seus moradores. {1:6} Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua ira? A sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas. {1:7} O SENHOR é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam. {1:8} Mas, com inundação transbordante, acabará de uma vez com o lugar dessa cidade; com trevas, o SENHOR perseguirá os seus inimigos.”

1:2 – Ainda que muitos possam criticar e discordar, o Senhor sempre age com justiça e amor ao condenar aqueles que se opõem à sua pessoa e majestade. É vital para a ordem e vida de toda a criação que Deus seja adorado como Senhor absoluto e Pai amoroso. O livro começa com um hino ou canto de louvor ao Deus de Israel, o qual não pode deixar impune o pecado e a injustiça que se comete no mundo, uma vez que ele próprio é a justiça. A ira de Deus não é um capricho divino, mas uma exigência da justiça e da santidade dele. O Senhor é zeloso porque exige reconhecimento exclusivo, e isso é devido a ele pela posição de Deus que ele ocupa – criador e soberano de tudo o que existe. Deus é vingador porque executa a justiça, destruindo aqueles que não a praticam, conforme Êxodo 20:5-6; Deuteronômio 4:24; Romanos 12:19; Hebreus 10:30.

Naum lembrou de um fato importante e, às vezes, esquecido no estudo do Antigo Testamento. Mesmo depois de separar os israelitas para que se tornassem seu povo especial, Deus continuou dominando sobre todas as nações. Ele não é, e nunca foi, apenas o Deus de Israel. Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores, com domínio sobre todas as nações.

O hino ou canto de louvor iniciado aqui vai até Naum 1:8, e nele foi aplicada a técnica acróstica de poesia hebraica, utilizando, porém, apenas a metade do alfabeto hebraico.

1:3 – Embora onipotente, Deus é longânimo e tardio em se irar. Nem sempre ele traz a punição imediatamente. De um modo geral, o Senhor é paciente para aguardar o arrependimento do pecador. Porém,

sendo justo, ele jamais inocenta o culpado que não for justificado, isto é, todo aquele que persiste no erro e não se arrepende, conforme Êxodo 34:6-7; Números 14:18; Salmo 86:15; Joel 2:13.

Era prática comum no mundo antigo que as divindades fossem identificadas com fenômenos naturais observáveis e impressionantes. Isso tinha o objetivo de ser uma demonstração figurada de seus poderes. Deus é poderoso a ponto de ter seu caminho em tormenta e em tempestade, tendo as nuvens como se fossem a poeira de seus pés. A ideia da expressão *“nuvens são a poeira dos seus pés”* pode ser observada em Êxodo 34:5; Salmo 68:4.

1:4 – A expressão *“Repreende o mar, e ele seca; faz com que todos os rios fiquem secos”* é uma alusão à saída do Egito e à passagem pelo Mar Vermelho, conforme Êxodo 14:16-25; 15:1-9; Salmo 106:9. O Senhor tem poder sobre o mar e poder para fazer os rios secarem. Basã, Carmelo e Líbano eram conhecidos pela sua fertilidade e abundância de vegetação, com suas vinhas, árvores e animais. O poder do Senhor é tamanho que esses lugares cheios de vida desfalecem se forem expostos ao seu poder.

1:5 – Os montes e colinas, poderosos e permanentes em comparação aos seres humanos, são nada diante do poder de Deus, capaz de fazer montes tremerem e colinas derreterem, conforme Salmo 97:5; Miqueias 1:4. Há também a imagem do respeito e reverência que devem ser dados ao Senhor, uma vez que Naum retratou a terra e aqueles que nela habitam se levantando diante dele. Levantar-se quando uma autoridade chega ou passa é um sinal de reverência e respeito.

1:6 – A ira do Senhor é terrível e não há quem a possa resistir. Derrama-se como fogo, como faz a lava de um vulcão, como a saraiva de fogo e enxofre que caiu sobre Sodoma e Gomorra (Gênesis 19:24) e o *“fogo do céu”* de Apocalipse (Apocalipse 20:9) que eliminou uma massa incontável de ímpios. Sua ira é capaz até mesmo de demolir rochas sólidas.

1:7 – Embora Deus seja terrível, ele é bom e sabe muito bem quem são aqueles que são fiéis a ele e que podem se refugiar nele. O Senhor é como se fosse uma fortaleza onde os fiéis podem buscar refúgio em dias de angústia, sendo que ele conhece cada um deles.

1:8 – Deus é refúgio e é bom, mas não inocenta o culpado não justificado, isto é, aquele que não se arrepende. Deus persegue os malfeitores no sentido de que não deixará os pecados deles impunes, mesmo que a punição possa vir a demorar. A punição são *“trevas”*, sinônimo de desolação e, também, do afastamento de Deus, pois ele é luz (1 João 1:5).

No caso de Nínive, pela sua maldade, Naum utilizou uma ilustração em que a cidade será destruída por uma inundação transbordante. É uma figura para ilustrar uma destruição terrível. Na Bíblia, nações são muitas vezes representadas como águas destruidoras. Assim, Nínive foi destruída pelos medos e babilônios/caldeus.

O SENHOR COMO JUIZ DE NÍNIVE – O JULGAMENTO DE DEUS SOBRE NÍNIVE E A VITÓRIA DE JUDÁ

Naum 1:9-15: *“{1:9} O que é que vocês estão planejando contra o SENHOR? Ele mesmo os consumirá completamente; a angústia não se levantará duas vezes! {1:10} Porque, ainda que eles se entrelacem como os espinhos e se saturem de vinho como bêbados, serão inteiramente consumidos como palha seca. {1:11} De você, Nínive, saiu um que planeja o mal contra o SENHOR, alguém que aconselha a maldade. {1:12} Assim diz o SENHOR: ‘Por mais seguros que estejam e por mais numerosos que eles sejam, ainda assim serão exterminados e passarão. Meu povo, embora eu o tenha afligido, não o afligirei mais. {1:13} Quebrarei o jugo deles que pesa sobre você e romperei os laços que o prendem.’ {1:14} Porém contra você, Assíria, o SENHOR deu ordem para que não haja posteridade que leve o seu nome; ‘do templo dos seus deuses exterminarei as imagens de escultura e de fundição. Farei a sua sepultura, porque você é desprezível.’ {1:15} Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz! Celebre as suas festas, ó Judá, cumpra os seus votos, porque o ímpio não mais passará por você; ele foi inteiramente exterminado.”*

1:9 – O início desse versículo pode também ser lido como: *“O que vocês planejam contra o SENHOR?”* O ponto aqui é que não importa o que Nínive pense que pode fazer contra Deus, ou que planeje contra Deus, ela será destruída totalmente. Não haverá necessidade de Nínive sofrer a angústia uma segunda vez, pois a primeira

angústia será o bastante para sua destruição. Pode ser que os assírios pensavam que se atacassem Jerusalém e destruíssem o templo, iriam atingir a Deus.

1:10 – As ações de “se entrelaçar como espinhos” e “se saturar de vinho como bêbados” dão uma ideia da força e segurança que os habitantes de Nínive pensavam ter. Eles pensavam ser como uma barreira de espinhos entrelaçados que ninguém poderia penetrar e que, com essa segurança, podiam beber vinho à vontade, ou seja, “se embriagar de alegria em suas vidas”. No entanto, diante do poder do Senhor, aquilo que eles pensavam ser tão forte seria consumido como se fosse palha seca.

1:11 – De Nínive saiu um homem vil que maquinava contra o Senhor. Outra tradução possível para “*um que planeja o mal*” seria “um conselheiro de Belial”. O homem perverso pode ter sido o rei Assurbanipal (669-627 a.C.), o último grande rei assírio cujas expedições no ocidente obtiveram êxito em subjugar o Egito. Ele também foi aquele a quem o rei Manassés teve que se submeter como vassalo, conforme 2 Crônicas 33:11-13; Esdras 4:9-10. Pode também ser Senaqueribe, o rei da Assíria que, em 701 a.C., sitiou Jerusalém e, arrogantemente, desafiou o Deus de Israel, conforme 2 Reis 18:28-35; 19:4-6; Isaías 10:5-34.

1:12 – Temos aqui um ponto similar a Naum 1:10: não importa o quão seguros e numerosos sejam, os habitantes de Nínive, os assírios, serão destruídos uma única vez, pois o Senhor assim disse. Não há a necessidade de uma segunda aflição, pois a primeira já significa derrota total.

Em contraste, o povo de Judá, apesar de ter sido castigado por Deus, teria um momento em que não mais seria afligido por ele. Em um contexto imediato, isso pode significar que Deus deixaria de afligir seu povo por meio do uso da própria Assíria, a qual seria destruída de vez. Deus frequentemente utilizou nações para castigar outras nações. Em um contexto maior, os fiéis dentre o povo de Judá, assim como todos os fiéis a Deus, um dia estarão livres de todas as aflições porque serão reunidos ao Senhor.

1:13 – O jugo era um símbolo comum de submissão política no antigo Oriente Médio. O estado de sujeição de Judá era como vassalo da Assíria. O jugo e os laços simbolizam a opressão e o cativo, conforme Isaías 58:6; Jeremias 30:8. O Senhor disse aqui que libertará a nação de Judá da Assíria.

1:14 – O fato de não permanecer memória do nome da Assíria indica, mais uma vez, que sua destruição como nação será total, no mesmo sentido ilustrado em Jó 18:19; Salmo 37:28; Isaías 14:20. O mesmo se sucederia com as imagens de escultura e fundição que representavam os falsos deuses dos assírios. O Senhor disse também que deixará preparado o sepulcro dessa nação vil.

1:15 – Como a sentença da Assíria já foi decretada, o Senhor disse que mensageiros já seriam ouvidos em Judá com as boas notícias do livramento da nação da opressão assíria. Tal mensagem seria um conforto tão grande naquela situação de angústia que os mensageiros que trariam essas boas novas para os montes de Judá foram descritos como “*Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz!*” Descrições similares de portadores de boas notícias da parte de Deus são registradas em Isaías 52:7, “*Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas*”, e em Romanos 10:15, “*Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!*”

Sem a ameaça assíria, o povo de Judá poderia celebrar suas festas e cumprir os votos ou promessas que havia feito a fim de obter proteção divina contra esse invasor, conforme 2 Reis 19:14-20. O “*ímpio*” descrito aqui representa o líder que comandava o exército assírio e que tinha desejo de atacar Judá, talvez o mesmo homem “*que planeja o mal*” descrito em Naum 1:11. A Assíria, no entanto, jamais conseguiu destruir Judá, uma vez que Deus usou os babilônios e os medos para destruir Nínive em 612 a.C. Mais pode ser conhecido sobre o cumprimento dessa profecia em Ezequiel 32:22-23: “*Ali está a Assíria com todo o seu exército. Ao redor dela, todos os seus túmulos. Todos eles foram mortos; caíram à espada. Os seus túmulos foram postos nas extremidades da cova, e todo o exército da Assíria se encontra ao redor do seu túmulo. Foram mortos, caíram à espada todos esses que tinham causado espanto na terra dos viventes.*”

A QUEDA DE NÍNIVE – O CERCO

Naum 2:1-10: “{2:1} O destruidor avança contra você, Nínive! Guarde a fortaleza, vigie o caminho, prepare-se para lutar, reúna todas as suas forças! {2:2} Porque o SENHOR restaurará a glória de Jacó, como a glória de Israel;

porque saqueadores os saquearam e destruíram os seus ramos. {2:3} Os escudos dos seus heróis são vermelhos; os homens valentes vestem escarlate. Os carros de guerra brilham como fogo no dia da sua preparação, e as lanças são agitadas. {2:4} Os carros de guerra passam furiosamente pelas ruas e se cruzam velozes pelas praças; parecem tochas, correm como relâmpago. {2:5} Os nobres são chamados, mas tropeçam no seu caminho; apressam-se para chegar à muralha e preparam a defesa. {2:6} As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído. {2:7} Está decretado: a cidade-rainha está despida, levada em cativo; as suas servas gemem como pombas e batem no peito. {2:8} Nínive, desde que existe, tem sido como um tanque de águas; mas, agora, o seu povo foge. Alguém grita: 'Parem! Parem!', mas ninguém se volta. {2:9} Saqueiem a prata, saqueiem o ouro, porque os tesouros não têm fim; a cidade está repleta de objetos de valor. {2:10} Vazio, desolação, ruína! O coração se derrete, os joelhos tremem, acabam-se as forças, e o rosto de todos empalidece."

2:1 – Os versículos seguintes predisseram, em um vibrante tom poético, o cerco da destruição de Nínive. O “destruidor” é uma referência à uma aliança feita por Nabopolassar, o primeiro governante do Império Neobabilônico (626-605 a.C.), com os medos liderados por Ciaxares e os citas. Essa aliança subverteu o império assírio, destruindo Nínive em 612 a.C., como profetizado aqui e em Sofonias 2:13-15.

O Senhor disse aqui para a armada assíria guardar a fortaleza, vigiar o caminho, se preparar para lutar e reunir todas as suas forças, pois a batalha estava para começar. Mas já se sabe qual é o resultado. As quatro ordens que aparecem aqui estão em tom de ironia, assim como as instruções de Elias aos falsos profetas de Baal em 1 Reis 18:27.

2:2 – O nome “Jacó” designa aqui o reino de Judá (Isaías 43:1; 44:1; Obadias 18). O nome “Israel” se refere ao reino do norte. Durante o reinado de Roboão, filho do rei Salomão, o reino de Israel se dividiu em dez tribos ao norte e duas tribos ao sul. A menção conjunta de Jacó e Israel significa que todo o povo de Deus vai ser libertado e restaurado. Jeremias 31:5, por exemplo, afirma que ainda se plantará vinhas nos montes de Samaria (a capital do reino do norte, Israel, o qual foi destruído pela Assíria e deportando para lá), e que aqueles que plantarem ali gozarão dos frutos.

A destruição da Assíria faz parte da libertação que vem do Senhor. A razão mencionada aqui para o fim do Império Assírio é uma vingança por parte de Deus contra aqueles que saquearam seu povo e destruíram os ramos das suas vinhas. No contexto, os próprios assírios são os saqueadores.

2:3 – Segue uma apresentação dramática das cenas do cerco de Nínive. Aqui, os escudos dos “heróis”, os soldados babilônios e medos, são “vermelhos”, e seus homens vestem “escarlate”. Essas cores refletem a ideia de batalha, sangue. O aço dos carros cintila com o reflexo das luzes enquanto são preparados, e as lanças são agitadas durante o combate. Na versão hebraica está escrito “lanças”, porém, na grega, está escrito “cavalos”. De qualquer forma, lanças ou cavalos agitados significam batalha intensa.

2:4 – Outra cena dramática da batalha contra Nínive foi descrita aqui. Os carros de guerra passam furiosamente pelas ruas e se cruzam velozes pelas praças. Eles se parecem como tochas, uma vez que refletem a luz do fogo das ruas, correndo velozes e cintilantes como um relâmpago. Em todo esse poema, o som das palavras hebraicas procura lembrar o estrondo produzido pelos carros de guerra e pelo avanço incontido dos exércitos inimigos.

2:5 – O termo “nobres” é uma referência aos súditos e tropas do rei da Assíria, os quais se dirigem às muralhas para preparar defesas. Porém, pelo terror do cerco, chegam até mesmo a tropeçar pelo caminho. O muro de Nínive, o qual tinha quase 13 quilômetros de comprimento e 15 portas, estava rodeado por um fosso de quase 46 metros de largura. O fosso devia ser preenchido antes que os invasores alcançassem o muro da cidade, porque apenas depois disso os aríetes (máquinas de guerra criadas para arrombar muros ou portões) poderiam avançar. A “defesa”, também traduzida como “linha de proteção” ou “testudo inimigo armado”, pode representar um grande escudo coberto de couro usado para desviar as pedras e as flechas, ou uma espécie de abrigo portátil sob o qual se protegiam os soldados que combatiam junto às muralhas da cidade cercada. Outra tradução para “apressam-se para chegar à muralha e preparam a defesa” seria “apressam-se para chegar ao muro onde se prepara a defesa”.

2:6 – As “comportas dos rios” podem ser as represas do Rio Khoser, o qual corria através da cidade para o Rio Tigre. É possível que represas já estivessem construídas no lugar, ou que tivessem sido rapidamente

construídas pelo exército atacante de forma a conter a água do rio. As represas eram liberadas de forma repentina para que a inundação danificasse os muros da cidade, fazendo-se uso das forças das águas. Assim, a abertura dos diques era feita a fim de causar uma inundação. Nesse caso, o texto estaria sugerindo que a invasão se deu pela parte da cidade de melhor proteção natural. Outros intérpretes pensam que se trata de uma expressão metafórica que pode significar o tropel dos invasores que irromperam como uma inundação, ou uma alegoria simbólica onde as ondas e correntezas do “oceano primordial” (conforme Salmo 93:3), ao transbordarem, desencadeiam um cataclismo comparável ao caos primitivo ou ao dilúvio.

Um historiador antigo, autor das Crônicas Babilônicas, mencionou uma inundação que derrubou algumas paredes, facilitando a entrada dos homens na cidade.

2:7 – Deus decretou que a “cidade-rainha” foi despida e levada em cativo. Despir passa a ideia de mostrar as vergonhas, ou seja, é uma ideia que representa a humilhação que Nínive sofreria pela sua destruição, além dos habitantes derrotados sofrerem o jugo do cativo. Quanto à “cidade-rainha”, o termo hebraico é de significado dúbio. Ele poderia se referir à esposa do rei ou, mais provavelmente, à estátua da “deusa” Istar, “protetora” de Nínive. As “suas servas” são as escravas da rainha ou as “prostitutas sagradas” e sacerdotisas consagradas ao culto da “deusa” Istar. Gemer “como pombas” é uma referência ao arrulho do pombo, tão persistente e monótono quanto os gemidos e lamentos das mulheres levadas para o exílio (Isaías 38:14; 59:11). Bater “no peito” é sinal de dor, arrependimento e/ou humilhação (Lucas 18:13; 23:48). As jovens tomadas como escravas ocupavam o degrau mais baixo na ordem social.

2:8 – Nínive foi comparada a um tanque de águas que estava vazando. Água potável é um bem muito valioso, ainda mais para aquela cultura e época. Nínive proveu valiosos recursos para seus habitantes desde que foi fundada, mas eles começaram a ser perdidos, assim como um tanque de água potável furado deixa escoar a preciosa água. Até mesmo houve clamor durante a batalha para que as tropas assírias parassem de fugir e olhassem para trás para vê-la, mas ninguém se voltava para ela e nem “tentava fazer parar o vazamento”. Alguns pensam que esse versículo se refere ao Tigre e aos rios menores que podem ter cercado ou passado através da cidade, ou a algum sistema de represas que pode ter sido usado para fazer a força das águas danificar as muralhas (Naum 2:6). Pode também ser uma alegoria em que a cidade transbordou de invasores ou que estava sofrendo algo como um cataclismo de “águas primordiais” ou dilúvio. De qualquer forma, é uma apresentação dramática relativa à queda de Nínive.

2:9 – Nínive era uma cidade muito rica, mas suas riquezas foram conquistadas por meios pecaminosos. Havia tantos despojos para os destruidores saquearem que parecia que os tesouros dela não tinham fim. As Crônicas Babilônicas confirmam que uma grande quantidade de despojo foi levada da cidade.

2:10 – Segue outro versículo poético narrando dramaticamente a queda da capital assíria. Há “Vazio, desolação, ruína” na cidade. A expressão “O coração se derrete, os joelhos tremem, acabam-se as forças, e o rosto de todos empalidece” descreve os sentimentos de cada assírio no momento da derrota de Nínive.

A QUEDA DE NÍNIVE – A DESOLAÇÃO

Naum 2:11-13: “{2:11} Onde está, agora, o covil dos leões e o lugar onde os leõezinhos se alimentavam, onde passeavam o leão, a leoa e o filhote do leão, sem que ninguém os espantasse? {2:12} O leão arrebatava o bastante para os seus filhotes, estrangulava a presa para as suas leoas, e enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis, de rapina. {2:13} ‘Eis que eu estou contra você’, diz o SENHOR dos Exércitos; ‘queimarei os seus carros de guerra, a espada devorará os seus leõezinhos, arrancarei da terra a sua presa, e nunca mais se ouvirá a voz dos seus embaixadores.’”

2:11 – A figura do leão aparecia com frequência na decoração dos tronos e palácios assírios. Aqui o “leão” representa o rei da Assíria, caracterizado como predador de toda aquela terra. A “leoa e o filhote do leão” representam a família real. Os “leõezinhos” representam os parentes e/ou súditos do rei. O “covil dos leões” e o “lugar onde os leõezinhos se alimentavam, onde passeavam o leão, a leoa e o filhote do leão, sem que ninguém os espantasse” é Nínive. A capital do Império Assírio foi despojada da supremacia que exerceu durante mais de cem anos. Jeremias 4:7; 50:17 são passagens em que os inimigos de Israel também foram comparados com leões.

2:12 – O leão é uma imagem apropriada para a Assíria, pois era uma nação conhecida por sua brutalidade. Ela era como um leão que *“arrebatava o bastante para os seus filhotes, estrangulava a presa para as suas leões, e enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis, de rapina”*, linguagem que demonstra como a Assíria procedia com aqueles que eram subjugados por ela – os meios para subjugar eram a violência e o despojo. Por isso, Nínive foi descrita como se fosse cavernas e covis de leões cheios de corpos dilacerados.

2:13 – Tudo o que estava acontecendo contra Nínive era porque o Senhor estava contra ela. Os *“carros de guerra”* dos assírios, símbolos de poderio militar, queimariam. Os *“leõezinhos”*, isto é, os súditos e/ou parentes do rei, seriam mortos à espada. Os despojos e riquezas da cidade, representados como a *“presa”*, seriam tirados dos assírios. As vozes dos embaixadores assírios não seriam mais ouvidas.

A AFLIÇÃO DE NÍNIVE – OS PECADOS DE NÍNIVE

Naum 3:1-4: *“{3:1} Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo e que não solta a sua presa! {3:2} Eis o estalo de açoites, o estrondo das rodas, o galope dos cavalos e os carros que vão saltando! {3:3} Os cavaleiros que esporeiam, as espadas brilhantes, as lanças reluzentes, uma multidão de feridos, massa de cadáveres, mortos sem fim – chegam a tropeçar sobre os mortos. {3:4} Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora prostituta, da mestra de feitiçarias, que seduzia as nações com a sua prostituição e os povos, com as suas feitiçarias.”*

3:1 – Nínive foi chamada de *“cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo”* e comparada um leão *“que não solta a sua presa”*, ou seja, os assírios, fazendo uso de crueldade, mentiras e furto, exploravam aqueles que eram subjugados e não os deixavam ser libertados. Em Naum 3:1-7, foi demonstrado um retrato do nível de malignidade dos líderes e exércitos de Nínive, mostrando que era necessário que o juízo e a vingança de Deus fossem executados contra essa cidade pagã, corrupta e cruel. Os assírios fizeram de Nínive a cidade mais rica e poderosa, mas também a menos sensata e humana daquela terra. Praticavam todo tipo de atrocidades, flagelos e torturas aos seus inimigos. Muitas de suas vítimas eram decapitadas, empaladas ou queimadas. Assírios ainda se gabavam de fazer o sangue do inimigo correr como rios pelas cidades atacadas e saqueadas. As guerras de conquista e a exploração dos povos subjugados foram uma constante na história da Assíria, como ilustrado em 2 Reis 18:17-37.

Deus definitivamente não se agrada de nações sanguinárias e cruéis, sendo que repreendeu Jerusalém (Ezequiel 24:6-10) e a Babilônia (Habacuque 2:12) por terem agido de maneira similar a Nínive.

3:2 – Outro versículo narrando de forma dramática cenas das atrocidades feitas pelos assírios – é como se fosse uma *“reprise”* de toda a violência que eles realizaram. Há estalos de açoites, estrondos de rodas dos carros de guerra, galopes de cavalos e saltos de carros de guerra que correm para fazer violência. Há, no texto original, uma vivacidade da descrição que procura reproduzir, por meio da linguagem poética, o estrondo dos carros de guerra e o galope dos cavalos.

3:3 – Continua aqui a ideia do versículo anterior (Naum 3:2). Mais cenas da brutalidade assíria foram demonstradas: cavaleiros esporeiam, espadas e lanças parecem brilhar e reluzir pelo reflexo da cor das chamas que consumiam as cidades subjugadas, multidões de feridos e de corpos sobre o chão. O rei assírio Salmaneser III gabava-se de ter erguido uma pirâmide de cabeças cortadas diante de uma cidade inimiga. Outros reis assírios empilhavam cadáveres como lenha na porta das cidades derrotadas. Eram tantos os corpos que era possível tropeçar neles.

3:4 – Apesar de maligna, Nínive foi chamada de *“bela e encantadora prostituta”* e de *“mestra de feitiçarias, que seduzia as nações com a sua prostituição e os povos, com as suas feitiçarias”*. Era uma cidade atrativa aos olhos do mundo, cheia de feitiçarias e prostituição. *“Magia”*, *“feitiçaria”* e outros ritos semelhantes eram práticas correntes na antiga Mesopotâmia. A Babilônia também foi repreendida por Isaías por causa dessas coisas (Isaías 47:9).

Nas mensagens de Deus para o povo de Israel, os profetas frequentemente usavam a palavra *“prostituição”* em sentido metafórico para se referir ao pecado da idolatria (Miqueias 1:7). Nínive acabava fazendo comércio de pessoas juntamente com prostituição/idolatria (tanto prostituição sexual quanto prostituir-se com, ou adorar, falsos deuses) e feitiçarias/magia/ocultismo, além de contaminar outros povos com essas coisas. Naum comparou Nínive com uma meretriz capaz de fazer uso da sedução para realizar seus planos e aumentar seu poder. A cidade

comportou-se como uma prostituta e recebeu o castigo merecido (Naum 3:5-7). Foi de tal modo destruída que jamais conseguiu se reerguer ou ser reconstruída. Nos séculos seguintes, tornou-se coberta pelas areias trazidas pelos fortes ventos da região. Assim, aquela fascinante metrópole chamada “cidade sanguinária” em Naum 3:1 caiu em 612 a.C. para nunca mais se levantar, tudo em cumprimento à Palavra de Deus por meio do profeta Naum.

A AFLIÇÃO DE NÍNIVE – A DESTRUIÇÃO IMINENTE DE NÍNIVE

Naum 3:5-7: *“{3:5} Eis que eu estou contra você’, diz o SENHOR dos Exércitos. ‘Levantarei as abas de sua saia sobre o seu rosto, e mostrarei às nações a sua nudez, e aos reinos, as suas vergonhas. {3:6} Vou jogar sujeira sobre você, tratá-la com desprezo e transformá-la em espetáculo. {3:7} Todos os que a virem fugirão de você e dirão: ‘Nínive está destruída! Quem terá compaixão dela? De onde buscarei quem a console?’”*

3:5 – Desgraça e humilhação pública eram castigos comuns para as prostitutas e adúlteras. Aqui foi feita uma analogia em que Nínive é uma prostituta (Naum 3:4) que sofrerá desgraça e humilhação pública e que terá levantada sua saia até a altura do rosto para ser exposta a sua nudez. O ponto é que o Senhor está contra Nínive, a qual sofrerá humilhação diante dos outros povos durante sua derrota. Esse versículo descreveu um castigo para Nínive que é comparável aos castigos dirigidos contra Israel em Oseias 2:3, “Do contrário, eu a deixarei sem roupa e nua como no dia em que nasceu. Eu a tornarei semelhante a um deserto, a uma terra seca, e deixarei que morra de sede”, e Oseias 2:10, “Agora descobrirei as suas vergonhas aos olhos dos seus amantes, e ninguém a livrará da minha mão.”

3:6 – O Senhor lançaria sobre a prostituta humilhada, Nínive, “sujeira”. A palavra hebraica traduzida por “sujeira” é geralmente empregada para designar os ídolos e outros símbolos idólatras, como no caso de Jeremias 4:1; 16:18; 32:34, onde o termo foi traduzido por “abominações”. Assim, lançar “sujeira” sobre Nínive pode significar que os falsos deuses dos babilônios, medos e citas iriam receber o crédito pela ruína dela, ou seja, outros idólatras e falsos deuses vão “ser lançados” sobre Nínive. Ela também vai ser tratada com desprezo por Deus e sua queda vai ser um “espetáculo”, um exemplo para outras nações de como o Senhor pune quem persiste em permanecer no caminho do mal. A Assíria teve uma boa chance de redenção da parte do Senhor que foi registrada no Livro de Jonas, mas voltou ao mal, chegando a ponto de ter uma chaga incurável (Naum 3:19).

3:7 – O espetáculo da destruição de Nínive fez que outras pessoas também tivessem desprezo por ela, chegando a ponto de que aqueles que a veem sairão de perto, afirmando que está destruída e que não há onde encontrar quem a console. Ninguém vai se compadecer dela ou ajudá-la.

Naum 3:8-10: *“{3:8} Será que você é melhor do que Tebas, que estava situada junto ao Nilo, cercada de águas, protegida pelo mar e tendo as águas por muralha? {3:9} A Etiópia e o Egito eram a sua força, força sem limites; Pute e Líbia eram seus aliados. {3:10} Todavia, ela foi levada ao exílio, foi para o cativo. Também os seus filhos foram despedaçados nas esquinas de todas as ruas. Sobre os seus nobres lançaram sortes, e todos os seus grandes foram presos com correntes.”*

3:8 – “Tebas” é o nome grego de Nô-Amon, a grande capital do Alto Egito (sul). A cidade foi destruída pelos assírios em 663 a.C. Localizada 726 quilômetros ao sul do Cairo, é agora conhecida pelos nomes Carnaque e Luxor. A região é famosa por sua imensa necrópole (cemitério grande e elaborado) no lado ocidental do Nilo. Amon, divindade egípcia, é ligado a essa cidade no Antigo Testamento. Durante o período das dinastias de Tebas (desde 1991 a.C.), Amon tornou-se o deus estatal do Império Egípcio. Tebas/Nô-Amon e seu sacerdócio tornaram-se tão famosos que Naum pôde registrar sua queda como evidência de que um tempo de desolação também chegaria para a grande Nínive, como ocorreu com essa cidade. Por meio de outros profetas, Deus pronunciou juízos contra Tebas/Nô-Amon (Jeremias 46:25; Ezequiel 30:14-16). Mesmo sendo ela “cercada de águas, protegida pelo mar e tendo as águas por muralha”, tais proteções não a livraram da ruína. Assim também ocorreria com Nínive.

3:9 – A “Etiópia”, ou Cuxe (veja Gênesis 10:6), é a Núbia, ou o moderno Sudão. Localizado ao sul do Egito, esse território era conhecido como Etiópia (não se trata da Etiópia moderna, a qual está situada mais distante, para o sudeste). A “Líbia” é Fute, a terra que os antigos egípcios chamavam Punt (a moderna Somália). “Pute” é um lugar de localização desconhecida. Alguns acreditam que é o nome antigo de alguma parte da Líbia, outros creem que se trata de algum lugar na costa africana do Mar Vermelho. A Etiópia e o Egito eram uma força aliada considerada “sem limites” de Tebas/Nô-Amon. Pute e Líbia também eram “seus aliados”, “a sua força”. O ponto é que mesmo com todos esses aliados poderosos, Tebas/Nô-Amon caiu, e não seria diferente com Nínive (Naum 3:10).

3:10 – Tebas/Nô-Amon tinha uma posição defensiva privilegiada por causa do rio. O rio não conseguiu salvar a cidade do ataque dos assírios. Da mesma forma, o Rio Tigre não salvaria a cidade de Nínive. Tebas/Nô-Amon tinha um poderoso apoio da Etiópia, Egito, Pute e Líbia, porém, mesmo com tudo isso, foi destruída e não foi poupada das muitas atrocidades das guerras do mundo antigo (“*seus filhos foram despedaçados nas esquinas de todas as ruas. Sobre os seus nobres lançaram sortes, e todos os seus grandes foram presos com correntes*”) – atrocidades causadas pelos próprios assírios. O mesmo ocorreria com Nínive. Deus fez o mesmo mal que sobreveio a Tebas/No-Amon cair sobre a capital do Império Assírio.

As atrocidades contra civis eram comuns nas guerras do mundo antigo: crianças eram mortas (Salmo 137:8-9), líderes eram presos em grilhões e sortes eram lançadas para determinar os prisioneiros de guerra que seriam levados ao exílio e aqueles que seriam estabelecidos em outras terras. O rei assírio Assurbanipal registrou a seguinte descrição do tratamento que dispensou a um líder capturado: “Coloquei uma corrente de cachorro nele e o fiz ocupar um canil no portão oriental de Nínive.” Os assírios também deportavam povos conquistados, sendo isso uma manobra política: quando uma cidade rebelde era derrotada, seus trabalhadores qualificados e soldados eram reassentados nas proximidades da região central da nação conquistadora, onde podiam ser controlados com mais facilidade. O restante da população geralmente era deixado sem recursos militares e econômicos para incitar uma revolta.

Naum 3:11-13: “*{3:11} Também você, Nínive, será embriagada e se esconderá. Também você procurará um refúgio contra o inimigo. {3:12} Todas as suas fortalezas são como figueiras com figos prematuros: é só sacudir a figueira, que os figos caem na boca de quem os há de comer. {3:13} Eis que os seus soldados são como mulheres. Os portões do seu país estão completamente abertos para os seus inimigos; o fogo destruiu as trancas.*”

3:11 – Nesse versículo foi feita uma alusão ao “cálice da ira do Senhor” que será dado à Nínive, embriagando-a. Essa ideia é ilustrada em Isaías 51:17: “*Acorde! Acorde e levante-se, ó Jerusalém, você que bebeu da mão do SENHOR o cálice da sua ira, você que esgotou o cálice de atordoamento.*” Aqui a embriaguez por meio do cálice da ira de Deus simboliza destruição, vergonha e medo dos inimigos. Nínive se tornará envergonhada e se esconderá, procurando refúgio contra seus inimigos. A palavra “*Também*” no início do versículo indica a ideia de que a cidade de Tebas/Nô-Amon também bebeu desse cálice, ou seja, sofreu a ira do Senhor. O mesmo vai ocorrer com Nínive.

3:12 – As fortalezas de Nínive, por mais fortes que parecessem, foram comparadas com figueiras que, quando sacudidas, deixam cair os figos na boca de quem os quer comer e sacode a árvore. É como se essas fortalezas fossem abaladas pelos inimigos de Nínive e as pessoas que nelas estivessem buscando refúgio acabassem saindo e caindo nas mãos desses inimigos.

3:13 – A comparação das tropas de Nínive com mulheres insinuou que seus soldados eram incapazes de se opor aos invasores. As portas duplas da cidade serão arrombadas pelos inimigos e permitirão sua passagem para dentro da cidade. As “*trancas*” se referem às trancas das portas da cidade, as quais serão danificadas pelo fogo ateado à cidade pelos exércitos inimigos e não poderão mais conter esses invasores.

Naum 3:14-16: “*{3:14} Tire água para o tempo do cerco, reforce as suas fortalezas, entre no lodo e pise o barro, pegue as formas para fazer tijolos. {3:15} No entanto, você será consumida pelo fogo e exterminada pela espada como folhas devoradas pelos gafanhotos. Multipliquem-se como os gafanhotos! Tornem-se tão numerosos como eles! {3:16} Os seus negociantes eram mais numerosos do que as estrelas do céu, mas como gafanhotos bateram asas e voaram.*”

3:14 – Estocar água era uma prática normal de preparação para um cerco, uma vez que a cidade sitiada era privada de seu suprimento de água. Frente ao incontido avanço do inimigo, o profeta aconselhou, ironicamente, os ninivitas para que se preparassem para resistir à invasão estocando água e reforçando suas fortalezas com tijolos. Entrar no lodo e pisar o barro são atividades que fazem parte do processo de fabricação de tijolos: depois que o barro é amolecido e pisado, é moldado conforme as formas para adquirir a dimensão delas.

3:15 – Mesmo estocando água e reforçando suas fortalezas com tijolos, Nínive será vítima do fogo e da espada. O gafanhoto é símbolo não apenas de força destrutiva e de exércitos, mas também de multiplicação rápida. Os agricultores do antigo Oriente Médio temiam os gafanhotos, pois vinham em enxames imensos e devoravam tudo pelo caminho. O inimigo destruirá Nínive, independentemente dos preparativos que os ninivitas realizassem,

da mesma forma que um enxame de gafanhotos destrói uma plantação. Também, ainda que os ninivitas se reproduzissem tão rápido a ponto de se tornarem numerosos como enxames de gafanhotos – o que foi uma sugestão feita pelo profeta de forma irônica – a cidade e todos os seus habitantes cairiam diante dos inimigos, uma vez que isso foi decretado por Deus.

A história e a arqueologia confirmam que Nínive foi queimada. O rei da Assíria morreu nas chamas do próprio palácio. Durante séculos, ninguém sabia onde a antiga Nínive se situava. Seus restos foram finalmente descobertos por arqueólogos em 1845.

3:16 – A Assíria, naquela época, também administrava diversos empreendimentos comerciais. As riquezas dos assírios provinham tanto de suas conquistas militares quanto desses empreendimentos. Os negociantes da Assíria eram muito numerosos, comparados ao número de “estrelas no céu”. Outra tradução possível para a expressão “como gafanhotos bateram asas e voaram” é “o gafanhoto muda de pele e sai voando”. O ponto dessa comparação é que, ainda que os assírios tivessem um grande número de negociantes (“seus negociantes eram mais numerosos do que as estrelas do céu”), eles foram comparados a gafanhotos que apenas “invadiam” ou “mudavam de pele”, devoravam, e depois simplesmente iam embora voando.

“Invadir” pode ser uma referência a como esses negociantes se metiam no meio dos outros para negociar. Tais negócios podem ser comparados ao ato de devorar do gafanhoto, ou seja, acabavam fortalecendo o negociante e debilitavam os outros. “Mudar de pele” pode ser uma referência ao tipo de pessoa que os negociantes eram: podiam “mudar de aparência”, ou seja, tentavam convencer os outros que o negócio era bom, quando não era – eles faziam uso de engano para seu benefício próprio. Uma vez que Nínive estava decretada a cair, tais negociantes simplesmente iriam embora como os gafanhotos saem voando, apenas se preocupando consigo mesmos.

Naum 3:17-19: “{3:17} Os seus príncipes eram como gafanhotos, e os seus chefes, como gafanhotos grandes, que pousam nos muros em dias de frio; quando o sol aparece, voam embora, e não se sabe para onde vão. {3:18} Os seus pastores dormem, ó rei da Assíria; os seus nobres cochilam. O seu povo está espalhado pelos montes, e não há quem possa ajuntá-lo. {3:19} Não há remédio para o seu mal; o seu ferimento é grave. Todos os que ouvirem falar do que aconteceu com você baterão palmas. Pois quem não foi vítima da sua crueldade sem fim?”

3:17 – Os “príncipes” e os “chefes” dos assírios, isto é, aqueles dotados de poder político e de cargos de autoridade, também foram comparados a gafanhotos, ou seja, eram numerosos e se importavam apenas consigo mesmos. Esses poderosos de Nínive foram comparados a gafanhotos grandes que se acampam em muros, ou “sebes” (vedações feitas de ramos ou varas entrelaçadas), quando está frio, mas que vão embora quando o Sol aparece, e não se sabe para onde vão. Isso indica que eles faziam o que era conveniente para eles e que não eram confiáveis: quando a situação era favorável para eles, esses “príncipes” e “chefes” se ausentavam para cuidar dos seus próprios interesses e não podiam ser encontrados quando as pessoas precisavam deles.

3:18 – A palavra “pastores” se refere a pessoas que tinham atribuições de cuidar dos habitantes da cidade, como ilustrado em Jeremias 2:8 e Zacarias 11:4-11. O profeta Naum dirigiu-se ao rei da Assíria, alertando-o de que os líderes e nobres assírios (os “pastores”) “dormiam” enquanto o povo (as “ovelhas”) se espalhava com a batalha, e não havia quem pudesse ajuntá-lo. Em outras palavras, esses líderes e nobres simplesmente falharam em suas responsabilidades em relação à nação. O rei Sinsariscum liderava os exércitos da Assíria quando aconteceu a queda de Nínive diante da coalisão de Ciaxares (medos e citas) e Nabopolassar (babilônios/caldeus).

3:19 – Em suma, Nínive se tornou em uma cidade tão corrompida que não havia forma de remediar sua situação. Jonas pregou aos ninivitas cerca de cem anos antes de Naum, mas o arrependimento foi temporário. A Assíria era como um doente com feridas incuráveis que persistia em passar sua doença aos outros por pura maldade. Assim, após Nínive cair, um grande mal que atormentou o mundo foi removido.

Aqueles que ouviram falar sobre como Nínive caiu “baterão palmas”, isto é, se contentarão por saber da extinção de um grande mal – especialmente os muitos povos que sofreram por causa dos assírios, entre os quais se encontra o povo de Judá.

A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade dizimada jamais foi reconstruída. Alguns séculos depois, estava coberta com a areia carregada pelo vento, não deixando nenhum rastro, exceto um monte que é conhecido hoje como Tell Kuyunjik, “o monte de muitas ovelhas”, encontrado por arqueólogos apenas em 1845.

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- www.estudosdabiblia.net;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.